

**Para refletir sobre:
o exercício de pré-leitura:
por causa de uma receita de quiche ou brincando de pensar ou ainda pré-
lendo para um dia ler e quando ler já estar disponível para a leitura**

Era uma festa de amigo oculto em que cada convidado teria que levar um prato e um presente. Como quase sempre acontece, quase todo mundo errou de presente, mas, pelo menos acertou no prato. Um amigo meu psicólogo levou um quiche. Adorei e lhe pedi a receita. Por incrível que pareça, quando nos encontramos novamente ele me trouxe a receita. A empregada desse meu psicólogo amigo manuscreeu a receita no verso de duas páginas de um trabalho sobre Freud. As páginas falavam sobre três desconfortos que causam mal-estar na civilização. Acabei esquecendo a receita e lendo as páginas. No curto espaço do papel soube que Freud conseguiu abstrair três fontes de males taes: a relação com o mundo exterior, a relação com o corpo e a relação com o outro. Essa trinca do barulho ficou na minha cabeça e sem ler o mal estar de Freud pus-me a brincar de pensar e inventariar tudo que as duas mínimas abortadas folhas de papel com uma receita de quiche no verso tinham me dito:

1) acredito que Freud é um humanista-subjetivista, não só porque sei que ele é psicanalista do indivíduo – aquele cenário de um homem único de cada vez sentado num divã é a primeira associação que faço ao Freud - mas fundamentalmente por causa da palavra **RELAÇÃO** que constava no verso das duas páginas da receita. Me perguntei: a quem o meio exterior, o corpo e a relação com o outro causaria mal-estar, desconforto, ou incômodo? Acho que Freud não estava se referindo aos cães, cavalos, aves ou a qualquer outro animal. Creio que o sujeito da relação é o homem. Freud deveria estar preocupado com o ser humano podendo ser incomodado na sua relação com o meio externo, com o próprio corpo, e com o outro. Guardo essa hipótese, Freud não é um animalista-subjetivista é um humanista-subjetivista;

2) O que seria o meio externo para Freud? Levanto a hipótese de que possa ser o continente do homem, aquilo que contém o homem, aquilo em que o homem está contido. Continente esse que quanto mais incontinente mais incômodo se torna. Para mim seriam os terríveis ventos, ciclones, vendavais, tempestades, ondas gigantescas, sóis abrasadores, avalanches, as escassezes de qualquer natureza, ou a abundância de qualquer natureza. Esses incomodam a ponto de desorganizar, desanimar, desabrigar, dizimar populações inteiras. São uma espécie de “serial killers coletivos”. No verso da receita, a autora, quando se referia aos incômodos abstraídos por Freud, era a relação com o mundo exterior que vinha citado em primeiro lugar. Acho que essa posição na citação não é aleatória, creio que esse tenha sido o incômodo mais arcaico mesmo. O mundo primitivo livre no ar, deveria deixar o homem que nele vivia muito sujeito a essas às vicissitudes e intempéries. Acho também que esse incômodo é a evidência mais contundente da existência de uma força criadora temperamental, excitada, ansiosa, tirânica, bem semelhante a certas concepções de um ou de vários temerosos deuses;

3) Que corpo ao homem incomoda? O seu próprio, que creio serem no mínimo dois. O funcional e o social. O funcional quando disfunciona é incômodo só. Dores, doenças, feridas, mutilações que fazem direta conexão com os humores da alma, a cada doença, dor, mutilação corresponde um medo, uma ansiedade, um stress, um preconceito... O social também incomoda e desconforta, mas é incômodo e desconforto gerados pelo reduativismo dos nossos desejos a padrões sociais impostos tiranicamente, uma espécie de processo minguanete-regressivo. É a dor étnica do

negro, é a dor estética do "feio", é a dor adiposa do gordo, é a dor alta do baixinho, a dor idosa dos velhos e todas as outras nossas dores de cada dia. Livrai-nos, senhor!;

4) Que outro nos incomoda? Ainda na linha do humanismo subjetivista, creio que Freud se refira ao outro homem, que na aparência é tão semelhante a nós, mas que ao mesmo tempo nos parece tão diferente. É o outro estranho. Assim que li a referência a esse incômodo me lembrei logo daquele anúncio exigente e ameaçador que tem estado presente nos elevadores dos edifícios monitorados por circuito de vídeo "Sorria, você está sendo filmado". O olho do outro, uma espécie de câmera persecutória que parece estar nos observando até quando estamos sós. Olhar cerceador, que limita a nossa vida se nele nos fixarmos a todo instante. Olhar que consegue transformar qualquer possibilidade de vida real em teatro. Olhar que aparta o que dizemos do que sentimos, o que fazemos do que desejamos, olhar promotor do apartheid entre os homens entre si e entre o homem e ele próprio. A cada faça isso corresponde um não faça aquilo, a cada sinta isso corresponde um não sinta aquilo e assim por diante num descompasso que pode durar a vida inteira. Que peso!;

5) Depois que achei ter entendido o que cada desconforto, ou incômodo queria dizer comecei a viajar.

5.1)- 1ª viagem: para desconfortos, remédios.

Remédio 1 para o desconforto 1- a relação do homem com o meio externo: para avalanches, vulcões, tufões, verões e similares tem sido oferecida uma solução: a TECNOLOGIA (abrigos, casas, eletricidade, pára-raios, computadores, telefones, aquecedores, freezers...). Mas como todo remédio, a solução tecnológica tem suas reações adversas e seus efeitos colaterais. Como quero, porém, adotar o viés do otimismo, vou pensar mais no bem-estar que ela causa do que num possível quarto incômodo. Afinal estou brincando de pensar!

Remédio 2 para o incômodo 2- a relação do homem com o próprio corpo: para cefaléias, diarreias, resfriados, congestões, cânceres, narizes pontiagudos, bigodes chineses, testas franzidas, gordura localizada e similares: a MEDICINA. No entanto, como todo remédio, a solução medicinal tem seus efeitos colaterais e suas reações adversas. Optando pelo atalho do otimismo, vou salvar a medicina.

Remédio 3 para o incômodo 3- a relação do homem com o outro: para culpas, preconceitos, complexos, ansiedades, excitações e similares: a PSICOTERAPIA. Acho que foi por causa dessa grande solução que Freud escreveu sobre os incômodos. Não imagino Freud escrevendo apenas para constatar. No meu imaginário ele era um curador. E continuando a trilhar o caminho do otimismo, acho que ele tinha consciência da existência do inconsciente. Foi ele que promoveu o inconsciente ao patamar do grande explicador de muitas ações e reações humanas.

5.2) 2ª viagem: como todo lugar é, no mínimo, o lugar do duplo, acho que o meio externo, o nosso corpo e a relação com o outro se são fontes de mal estar são também grandes fontes de satisfação. Manhãs ensolaradas, crepúsculos coloridos, noites enluaradas, brisas leves, cachoeiras, flores em brotação, frutas em profusão causam satisfação e prazer cósmico-corpóreo. Momentos de saúde plena são maravilhosos, mesmo que muitas vezes não os percebamos. Quando estamos num daqueles dias em que o universo conspira a nosso favor e entramos numa fina harmonia com a nossa aparência física, gostamos do nosso cabelo, ombros, braços, nariz, boca etc, dá uma vontade danada de sair por aí e comemorar o dia. Por outro

lado, bom-humor, energia positiva, solidariedade, atenção, amor, amizade, elogios, críticas construtivas, companheirismo, essas coisas que só o outro pode nos dar são imprescindíveis. Gostei de ter constatado esse lado do bem-estar na civilização.

5.3)- 3ª viagem: acho que essa foi mais que uma viagem. Foi tipo um leve surto. De repente na hora do jantar, vendo a novela das sete, pensando nos remédios que a sociedade propõe para os males tares, como numa canção me falou a voz do coração repetidas vezes: "tenho um remédio sem contra –indicação. Tenho um remédio sem contra-indicação. -Qual? Me perguntou o meu coração e ele mesmo respondeu: - Um outro para amar, um outro para um tufão enfrentar, um outro para no frio esquentar, um outro para acariciar, um outro para uma doença acabar, um outro para do meu nariz irregular gostar, para a minha gordurinha localizada apertar, um outro pra abraçar e beijar, um outro para olhar, um outro para sol pegar, um outro para elogiar, um outro para desejar, um outro para pegar, um outro para me espelhar, um outro para do outro falar, um outro para do outro gostar, um outro para a solidão espantar". Será que Freud falou nisso no mal-estar?

5.4)- 4ª viagem: quando acabei de pensar e sentir a necessidade e desejo desse outro especial, me bateu um sentimento de culpa que fez com que eu pensasse numa espécie de viagem de volta a mim mesmo. Então me perguntei: será que estou colocando na mão do outro a responsabilidade sobre a minha vida? Algo semelhante àquele papo da música que a Adriana Calcanhoto canta que diz: "entre por esta porta agora, você tem meia hora para mudar a minha vida...?" Talvez, mas mesmo assim percebo que a existência de um outro especial, engrandece, amplia, colore a vida até dos muito responsáveis por si mesmos. É esse outro amado por ser amável que ao mesmo tempo impõe e esgarça limites, releva e revela nossas fraquezas e forças, dá ritmo e movimento à vida. Fico com a hipótese de que é o outro a grande fonte tanto do incômodo quanto da satisfação.

5.5)-5ª viagem: achei legal esse exercício de pré-ler. Acho que agora estou mais disponível para pegar o mal-estar de Freud e confirmar ou não minhas hipóteses. Além do mais, achei legal eu ter as minhas hipóteses.